



OS RASTROS DO HIGIENISMO EM ALAGOAS: REFLEXÕES SOBRE O JORNAL DE ALAGOAS (1939)

Fernanda Lays da Silva Santos¹
Roseane Maria de Amorim²

RESUMO

Analisa-se os vestígios do movimento escolanovista e higienista em Alagoas e suas implicações no currículo escolar. Este trabalho faz parte de uma pesquisa realizada no campo do currículo e da História da educação. Tem-se como objetivo investigar como as relações de poder se estabeleceram no âmbito escolar; analisar o discurso de Arthur Ramos e sua influência na construção do currículo escolar em Alagoas. Um dos instrumentos de análise foi o *Jornal de Alagoas* (1939) que circulou no estado com seções escritas pelo higienista Arthur Ramos destinando orientações à educação familiar e escolar da classe popular. No campo da historiografia, utiliza-se a perspectiva da *Escola dos Anais*, a Nova História Cultural, por compreender ser função do historiador pesquisar e recuperar histórias e personagens tidos como invisíveis. Esta é uma pesquisa de caráter documental e bibliográfico. Constata-se que Arthur Ramos influenciou no constructo do currículo escolanovista divulgando essas ideias no *Jornal de Alagoas* (1939), sendo esse um meio de circulação destinado também à educação escolar e à população em geral.

Palavras-chave: Arthur Ramos; Higienismo; Currículo Escolanovista.

THE TRAILS OF HYGIENISM IN ALAGOAS: REFLECTIONS ON THE JOURNAL OF ALAGOAS (1939)

ABSTRACT

In this article, we analyze the vestiges of the escolanovista and hygienist movement in Alagoas and its implications in the school curriculum. This work is a cut of the dissertation titled The marks of hygienism of Arthur Ramos in the New School and in the curriculum in years 1920-1940 in Alagoas. Thus, we aimed to investigate how power relations were established in the school context; to analyze the discourse of Arthur Ramos and his influence in the construction of the school curriculum in Alagoas. One of the instruments of analysis was the *Jornal de Alagoas* (1939) that circulated in the state with sessions written by the hygienist Arthur Ramos, directing orientations to the family and school education of the popular class. In the field of historiography, the perspective of the School of the Anals, the New Cultural History, is used, for understanding that it is the function of the historian to search and recover stories and characters considered as invisible. Thus, this is a research of documentary and bibliographic character. It is observed that Arthur Ramos influenced the construct of the Escolanovista

¹ Possui licenciatura plena em Pedagogia (2015), pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Psicopedagogia Institucional (2016), pela Faculdade de Ensino Regioanal Aternativo (FERA); Mestrado em Educação (2018), pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), na área História do Currículo e da Educação. Atualmente é professora da rede pública municipal de Maceió. E-mail: <nandalays.sjc@gmail.com>. ORCID ID.: <http://orcid.org/0000-0001-9023-0886>

² Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Católica de Pernambuco (1996), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2011). Atualmente é professora Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, currículo, ensino de história, livro didático e formação de professores. E-mail: <roseanemamorim@gmail.com>. ORCID ID.: <http://orcid.org/0000-0001-8343-2965>



curriculum divulging these ideas in the Journal of Alagoas (1939), being this one means of circulation destined also to the school education and the population in general.

Keywords: Arthur Ramos; Hygiene; Scolanovista Curriculum.

LOS RASTROS DEL HIGIENISMO EN ALAGOAS: Reflexiones sobre el diario de Alagoas (1939)

RESUMEN

En este artículo, se analizan los vestigios del movimiento escolanovista e higienista en Alagoas y sus implicaciones en el currículo escolar. Este trabajo forma parte de una investigación realizada en el campo del currículo y de la Historia de la educación. De esta forma, se tiene como objetivo investigar cómo las relaciones de poder se establecieron en el ámbito escolar; analizar el discurso de Arthur Ramos y su influencia en la construcción del currículo escolar en Alagoas. Uno de los instrumentos de análisis fue el Diario de Alagoas (1939) que circuló en el estado con sesiones escritas por el higienista Arthur Ramos dirigiendo orientaciones a la educación familiar y escolar de la clase popular. En el campo de la historiografía, se utiliza la perspectiva de la Escuela de los Anales, la Nueva Historia Cultural, por comprender que es función del historiador investigar y recuperar historias y personajes tenidos como invisibles. De este modo, esta es una investigación de carácter documental y bibliográfico. Se constata que Arthur Ramos influyó en la construcción del currículo escolanovista divulgando esas ideas en el Jornal de Alagoas (1939), siendo ese un medio de circulación destinado también a la educación escolar y a la población en general.

Palabras clave: Arthur Ramos; Higienismo; Currículo de la Escuela Nueva.

1 Para início de conversa

Arthur Ramos foi um higienista alagoano. Para entender sua atuação, destacaremos brevemente esse movimento em Alagoas para compreender a colaboração desse intelectual. De acordo com Cardoso (2017), o higienismo em Alagoas teve suas primeiras aparições em 1856 com a instituição *Inspetoria de Higiene Pública do Estado de Alagoas*. Entre alguns documentos dessa instituição, citados pela autora, estão: *Inspetoria de Higiene Médica* (1894), *Departamento Estadual de Saúde: Divisão de Higiene Centro de Saúde da capital* (1958). Outro citado é sobre a Escola Normal que tratou de assuntos como *Higiene e puericultura: discursos e conferências* (1934). Isso nos faz perceber que Arthur Ramos encontrou campo fértil para disseminar sua proposta pedagógica em Alagoas, pois houve um terreno que havia sido cultivado anteriormente ao período republicano.

Como nosso objeto de estudo é o higienismo conservador de Arthur Ramos e sua influência sobre o currículo escolanovista para o constructo deste em Alagoas, nós nos detivemos nesse recorte. No entanto, o higienismo foi muito além das disciplinas escolares e da educação familiar; adentrou a polícia, a literatura, as artes, a arquitetura, dentre outros.

Tendo em vista o objeto de estudo, trouxemos como material de análise, trechos do *Jornal de Alagoas*, sobretudo com seção escrita por Arthur Ramos, destacados ao longo deste trabalho, publicada no início do século XX em Alagoas, pois: “corremos às columnas do ‘Jornal de Alagoas’ e apresentamos as nossas alviças á mocidade maceioense, em varios artigos. Viamos, claramente, ali, os novos rumos que se abriam para a instrução publica de Alagoas.” (BERNARDES JUNIOR, 1930, p. 28).

Considerando a relevância desse jornal como divulgador dos preceitos educacionais, sobretudo da Escola Nova, que, por sua vez, envolve o seu currículo, destacamos alguns trechos que nos servirão para a discussão deste trabalho. No jornal em questão, na seção intitulada *A família e a escola: conselho de higiene mental dos pais*, do Dr. Arthur Ramos, pelo Serviço de Divulgação do Departamento de Estado e Publicidade de Maceió, o médico alagoano destaca suas propostas educacionais em Alagoas em que “O Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação vai começar a divulgar noções de Higiene Mental aos pais e os responsáveis pela educação das crianças” (RAMOS, 1939a, p.4). Salientamos que o serviço mencionado pelo intelectual é o mesmo em que ele trabalhou no Rio de Janeiro, sob a gestão do escolanovista Anísio Teixeira, sendo analisado nas próximas linhas.

Desse modo, este trabalho é de caráter documental pela análise de documentos históricos, sobretudo o *Jornal de Alagoas*, (abordagem historiográfica *Escola dos Anales, Nova História Cultural*) e bibliográfico com a análise dos discursos de Ramos (1939), *A criança problema* (RAMOS, 1939b), bem como nos apoiamos na perspectiva pós-estruturalista para a reflexão, em especial das ideias foucaultianas para analisar o discurso higienista de Arthur Ramos, por meio das categorias *relações de poder, biopolítica e governamentalidade*, Tomaz Tadeu da Silva (2010) sobre as teorias curriculares; Popkewitz (2001, 2008) para se pensar a História do Currículo, dentre outros.

Na primeira parte do artigo, fazemos uma incursão sobre a ideia de higiene mental, educação e civilização. Na segunda parte, realizamos um breve estudo sobre higiene mental em Alagoas por meio de documentos da época. Esperamos que o texto possa ajudar na compreensão da temática e abrir novas possibilidades de análise.

2 Higiene mental e educação, civilização: modelando o caráter para um modelo de nação

O Serviço de Ortofrernia e Higiene Mental proposto por Ramos tem como finalidade auxiliar a: “tarefa pedagógica, prevenindo e corrigindo toda as falhas que impliquem uma inibição momentânea ou um defeito mais grave de caráter, dificultando o trabalho educativo.” (RAMOS, 1939a, p. 4). É interessante lembrar que o higienismo, segundo Seixas (2005), equivale à *civilização* e sua ausência é a *barbárie*. Desse modo, para ele, civilidade implicaria cortesia, afabilidade, honestidade, boas maneiras, enquanto a barbárie seria tudo o contrário, em que os instintos ferozes, sanguinários prevaleciam, além de representar sujidade, trabalho incompetente e criminalidade. Nessa perspectiva, a higiene seria a “marcha geral da civilização” (RAMOS, 1939a, p.2).

A Higiene como ciência utiliza uma série de técnicas que identificam o estado civilizacional de uma população, por meio de índices de vida média, índices de criminalidade, índice de instrução e índices de moralidade. Boarini (2011) destaca sobre a Higiene Mental que buscaria uma “adaptação ao meio”, essa a que Arthur Ramos se refere, o que implica modelar o caráter da criança para se adaptar ao meio. Todos os preceitos se voltam à *força do caráter*. Nisso, podemos observar que tanto a Higiene quanto a Higiene Mental, buscam civilizar o indivíduo, ou melhor, a Higiene Mental é uma das áreas da Higiene que andam juntas em prol do mesmo objetivo: *nação civilizada*. O princípio geral da Higiene é limpar a “sujeira”, a barbárie, sua ausência implicaria uma sociedade doente.

Nisso convém citar Foucault (1994) em *O nascimento da clínica*, que emprega a metáfora da sociedade como um corpo, e assim como o corpo biológico tem seus membros e fica doente, também ocorre com o corpo social. O autor destaca que um grande número de médicos sociais construiu discursos, “patologizando” a sociedade, visando à regulação social por meio de escritos e ações sobre o *normal eo anormal*. Desse modo, diagnosticar o corpo e expurgar suas partes doentes em um sacrifício necessário à sua saúde. No caso, quem seriam os doentes e quem seria a sociedade que se precisaria proteger?

As que apresentarem deformidades organicas ou apparenciasmorbidas serão apresentadas ao medico escolar para que lhes sejam prescriptos os exercicios de gymnastica medica applicaveis nesses casos, e os alumnos assim classificados constituirão uma classe especial. (PROGRAMMAS..., 1930, p.62).

Na citação acima referente à disciplina de Educação Física, podemos ver que a proposta higienista teve um lugar no currículo escolanovistaalagoano, em que o saber médico ganhou espaço na educação escolar. No entanto, vale destacar que nem todo o ideário

escolanovista era higienista, porém nesta pesquisa nos detivemos ao recorte escolanovista influenciado pelo higienismo. Limpar, separar e ordenar seria um dos objetivos. Nessa mesma disciplina, tinha no currículo, a “formação de fileiras”, “posições” e “marchas diversas”, o que podemos inferir como uma formação de hábitos, implicando a subjetividade, desenvolvendo uma personalidade passiva e habituada a uma hierarquização, que implicaria uma ordenação social.

3 A Higiene Mental no currículo alagoano: o *Jornal de Alagoas*

A preocupação com o futuro era grande entre os higienistas e escolanovistas. O saber médico penetra em todo o corpo social. Arthur Ramos, como já vimos, visava à correção e/ou à prevenção do comportamento inadequado. Esse pensamento foi apresentado no *Jornal de Alagoas* (1939):

É um dos programas da Higiene Mental esse de prevenir no pré-escolar a eclosão de falhas da personalidade que irão determinar futuramente maus rendimentos ou defeitos mais graves na escola ou na quebra de função social, na vida adulta. A correção de que não pode ser evitado é destinado todo o trabalho da ortofrenia. Mas a Higiene Mental e a Ortofrenia, não se ocupam somente com a criança e o escolar vão mais além. Estudam a personalidade dos pais e dos mestres, o seu comportamento no lar e na escola as atitudes em relação as crianças, o ambiente do lar, da escola, os binômios e os pais filhos, professores alunos, ou grupos sociais mais largos, na família, na escola, no meio social, na vida do grupo, ajustando, prevenindo, facilitando a tarefa educativa. (RAMOS, 1939a, p. 4).

Nesse viés, crianças da camada popular foram alvo da Higiene Mental, pois com o acesso do povo à escola pública, como defendia a Escola Nova, seria necessário diagnosticar e medicalizar o social, ou seja, as partes doentes da sociedade, como afirmou Foucault (1994), e os doentes sociais seriam aqueles que tinham os maus hábitos (ociosidade, mentira, vícios, rebeldia, violência, dentre outros), os quais eram atribuídos ao povo.

A escola pública tornou-se um espaço fundamental para aplicar os preceitos da Higiene Mental (MARTINS, 2011), pois nesse ambiente pode-se rastrear grande número de anomalias mentais incipientes que refletiam na evasão escolar, reprovação, rebeldia, dentre outros comportamentos tidos como indesejáveis. Podemos constatar a influência higienista e escolanovista, em Alagoas, com o Decreto Estadual nº 1.140, artigos 120 e 122, sobre as disciplinas a serem ministradas nos cursos primários, entre elas:

e) Art. 120 Noções de educação moral e cívica com base na História da Pátria; f) Noções de hygiene e de civilidade; g) lições de coisas; exercícios callisthenicos, jogos e cânticos escolares [...]. Art 122. f) História do Brasil, educação moral e cívica e civilidade; g) Noções de ScienciasNaturaes e de Hygiene; h) Trabalhos manuaes e prendas; Gymnastica, cantos e jogos escolares. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, [197-?], p.144-145).

Com a heterogeneidade do novo público da escola pública e a condução das ações higiênicas, o higienismo e algumas vozes do escolanovismo representaram duas faces da mesma moeda em prol da pátria sadia, isto é, um ato de patriotismo.

3.1 O higienismo além dos muros da escola: a família dos “anormais”

Na visão dos higienistas, pensar em uma educação higienista somente no âmbito escolar seria insuficiente, pois a criança passa grande parte do tempo com a família, ou mesmo já vem com uma educação familiar. Assim Ramos (1939c, p. 4) destaca: “Na realidade os primeiros elementos do processo educativo começam no lar.”

A família teria de educar antes a criança, ou melhor, complementar o trabalho da escola, pois se não houvesse essa articulação, poderia prejudicar o trabalho dos educadores escolares. Desse modo, Ramos destaca: “Esse trabalho de prevenção, para o qual a família é chamada a desempenhar um papel de extraordinária relevância, é hoje indispensável a todos os estudos ulteriores da personalidade do escolar.” (RAMOS, 1939a, p. 4).

É interessante que o saber médico intervém no seio familiar em que a família se conforma com seu papel coadjuvante, como despreparados para lidar com os próprios filhos. Isso pode ser explicado pelo fato de que o saber médico detinha o saber científico, considerado como o único saber legítimo e válido. Segundo Foucault (1996), por esse saber único, é construída a ordem do discurso. Nessa perspectiva, os higienistas criaram um discurso atribuindo sentido e significado; ao mesmo tempo, construíram uma solução para eliminar o problema, ou seja, tornar saneável o mundo patológico que eles mesmos criaram. Nisso podemos articular ao pensamento de Canguilhem:

A natureza (physis), tanto no homem como fora dele, é harmonia e equilíbrio. A perturbação desse equilíbrio, dessa harmonia, é a doença. Nesse caso, a doença não está em alguma parte do homem. Está em todo o homem e é todo dele (CANGUILHEM, 2011, p.10).

Essa citação nos elucida sobre o pensamento higienista, pois tudo que perturbasse a ordem era sinônimo de desarmonia e desequilíbrio. Isso vai além da doença física, mas se transpôs a questão social, pois comportamentos inadequados, vícios, delinqüência, problemas de aprendizagem, rebeldia, dentre outros, eram vistos como doenças sociais. Seria necessário tratar o corpo social, nesse caso, os indivíduos, pois deles eram “originados” a doença. O problema era atribuído ao indivíduo. Embora Ramos (1939) considerando os círculos sociais como influenciadores dos problemas do sujeito, não o culpabilizando diretamente, mas responsabiliza os pais, educadores, adultos que “não sabem lidar” com os pequenos, sendo um avanço, mas também uma limitação por desconsiderar as políticas sociais, falta de recursos dessas famílias para dar as condições mínimas de dignidade ao crescimento saudável dos filhos (alimentação, saúde, moradia digna e etc). Para ele, só com a higienização da mente já seria o suficiente para resolver os problemas sociais. Indo, além disso, propondo a higienização desde a infância correspondia evitar o adulto problema, e alcançar a sociedade ideal no futuro.

3.2 Proposta eugênica e higienista de Arthur Ramos: um olhar imperioso para os degenerados

Outro discurso destacado por Ramos (1939d), no *Jornal de Alagoas*, intitulado *O ambiente parental e a criança pré-escolar*, é sobre a *eugenia* já mencionada, que equivale ao *bem-nascido*, em que os higienistas brasileiros trabalharam em prol de uma nação *bela, forte e sadia*, separando, isto é, “limpando” os que não se enquadravam na norma, ou seja, em uma normatização nacional. Mesmo que Arthur Ramos considerasse a cultura em detrimento da herança genética, seus princípios estiveram articulados com o mesmo objetivo da eugenia, pois:

São as aplicações destas doutrinas, com a Eugenia, ensinando a transformação física e mental dos povos. Um serviço de Higiene Mental escolar não poderá desinteressar-se por estes e deixar de se articular com os mesmos na apuração das interinfluências entre a raça e o indivíduo na investigação dos fenômenos de herança biológica e psicológica, etc. (RAMOS, 1939d, p.4).

É relevante mencionar que o intelectual alagoano considera o meio social como preponderante na formação da personalidade, mas está articulado com os preceitos do

eugenismo, este que considera principalmente o biológico. A respeito desse ponto, Ramos no *Jornal de Alagoas* (1939), contrapôs-se ao argumento de que os brasileiros vieram de “raças inferiores”. Assim destacou: “E não podemos aceitar a maldição que sobre nós lançou o cientificismo apressado de Brice, quando prognosticou, a negralização da nossa raça.” (RAMOS, 1939d, p.4).

Mesmo que afirme que não há raça inferior ou superior, o termo “maldição” que Ramos destaca se refere ao “atraso”, e pode-se inferir que esse se articula com a “negralização”, uma cultura atrasada ou primitiva, ou até mesmo impura, necessitando de limpeza, higienização. Vale mencionar, mais uma vez, que a questão da criança como *primitiva* foi destacada pela *Revista de Ensino*, desse modo, tendo uma influência da ideia higienista do médico alagoano. Nessa perspectiva, os povos tidos como cultura inferior podem tornar-se civilizados por meio da higiene mental: “O mais puro representante do famoso solicocéfalo loiro em condições deficitárias de meio o *poorwhite*, o ‘pobre branco’ das colônias, degenerado e incapaz. Também outro lado, um tipo racial soidisant inferior, pode tornar se capaz de civilização.” (RAMOS, 1939d, p.4).

Por outro lado, o indivíduo “branco” tido como de *raça superior* pode tornar-se degenerado. Será que isso não foi um argumento para justificar a separação tida como necessária (discurso higienista) que a elite buscava pelo medo de se tornar degenerado em contato com a *raça* ou *cultura inferior*?

Em relação à inferioridade da mestiçagem, Arthur Ramos afirmou no referido jornal: “Dêem-lhe condições de boa higiene física e mental e a pretensa inferioridade desaparecerá. Estas, destruindo o preconceito da nossa inferioridade étnica.” (RAMOS, 1939d, p. 4).

A preocupação de muitos intelectuais com a identidade nacional era imensa, pois o Brasil não poderia ficar em situação de “inferioridade” diante de outras nações, sendo a educação higienista a única solução para isso, no olhar de Arthur Ramos. Assim, tudo se atribuía ao indivíduo; ainda que ele considerasse o meio social, o meio do público-alvo era a camada popular da escola pública, em que as condições sociais, econômicas, políticas em que esse público estava inserido não eram mencionadas por Ramos. Desse modo, enquadrava-se na perspectiva cientificista positivista em prol da sociedade capitalista, em que o indivíduo era o responsável por sua situação; no caso, vai mais além, no caso de Ramos, a família e os

adultos em geral eram os principais responsáveis pelos futuros adultos, as crianças, e não as condições em que eles, crianças e adultos da classe popular, estavam inseridos.

Para não ficar mais extenso este trabalho, temas como a criança mimada e escorraçada, o filho caçula, a rivalidade entre irmãos, etc. fizeram parte dos livros analisados, *A criança problema* (1939b) e *Saúde do espírito*(1939e). Foram destacados no *Jornal de Alagoas*em várias edições em 1939, entre elas: ano XXXII, n. 37, p. 7, Maceió, domingo, 16 de julho (RAMOS, 1939f); ano XXXII, n. 43, p. 7, 23 de julho (RAMOS, 1939g); ano XXXII, n. 55, p. 4, Maceió, domingo, 6 de agosto (RAMOS, 1939h); ano XXXII, n. 66, p. 4, Maceió, domingo, 20 de agosto (RAMOS, 1939i), dentre outros. Por isso, não aprofundaremos as mesmas temáticas para não se tornar exaustivo e repetitivo. No entanto, pudemos perceber que o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental de Arthur Ramos, articulado com a Escola Nova, na gestão de Anísio Teixeira, não ficou apenas no Rio de Janeiro. Penetrou nas terras alagoanas, tanto indiretamente com a ideologia higienista, percebida na *Revista de Ensino*, como diretamente com a circulação das propostas de Ramos no referido jornal resultante da influência deste sobre o currículo da Escola Nova no Brasil, com repercussão em Alagoas.

No período histórico estudado, vários médicos estavam envolvidos no projeto de regeneração social, entre eles Arthur Ramos. O intelectual alagoano destinou preocupação com a escola e temas educacionais. Segundo Gondra (2005), a escrita dos médicos tornou-se prática cultural controlada e controladora de outras práticas. O que significa em uma leitura das obras de Arthur Ramos como uma escrita institucional, parte de um projeto de organização de uma forma de saber e subterfúgios forjados no sentido de garantir a sua legitimidade. No anseio da formação de uma nova sociedade, do contexto da época, com a pedagogia renovada, Ramos (1939) encontrou espaço na educação nova (integral, práticas corporais, trabalhos manuais, etc.) para influenciar no currículo escolanovista com imperativos de desenvolvimento simultâneo do corpo e do espírito, tendo como intuito a regulação física e moral. O higienismo procurou submeter a educação escolar aos seus preceitos, reclamando para si o poder de orientar as reformas educacionais tidas como urgentes para garantir a entrada da nação brasileira na ordem civilizada.

O pensamento de Popkewitz (1997; 2001; 2008), trilhando na teoria pós-estruturalista do currículo, possibilita-nos fazer uma leitura específica sobre o material analisado em torno da colaboração de Arthur Ramos ao currículo escolanovista como práticas social, material e política. Desse modo, nos textos analisados, predominam discursos em que

se constituem sistemas e padrões de conhecimento, em que tal currículo gera exclusões da cultura e identidade da camada popular, permeado em uma visão de mundo e projeto de nação moderna. Nesse sentido, o higienismo aplicado ao escolanovismo constituiu uma tendência curricular que envolveu uma relação entre conhecimento e poder vinculados ao controle social disfarçados em um discurso “solidário ao povo”, “democrático”. Nesse viés, de forma implícita, fundamentou-se em forças capitalistas e liberais, estabelecendo a relação do currículo como controle social; assim a educação seria a eficiência social ou a “marcha da civilização”.

4 Considerações finais

À luz da perspectiva foucaultiana, os discursos presentes nos textos analisados foram produzidos por pessoas que tinham por finalidade intervir em questões sociais, como no caso de Arthur Ramos.

Nisso podemos pensar que as propostas higienistas de Arthur Ramos aplicadas à educação, sobretudo escolar, envolviam o que podemos chamar de *medicalização do social*. Embora se considerasse o meio social como preponderante na formação da personalidade e influência do comportamento, sua proposta se restringe ao “método do clínico”, isto é, do médico (RAMOS, 1939e), pois entendemos como *medicalização*, destacado no Manifesto de Lançamento do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade:

O processo que transforma, artificialmente, questões não médicas em problemas médicos. [...] Questões coletivas são tomadas como individuais; problemas sociais e políticos são tornados biológicos. Nesse processo, que gera sofrimento psíquico, a pessoa e a sua família são responsabilizados pelos problemas, enquanto governos, autoridades e profissionais são eximidos de suas responsabilidades. (MANIFESTO...,2010).

O biológico não é o principal para o médico alagoano, mas não deixa de ser uma medicalização quando tudo se resume ao “método do clínico”, segundo Ramos (1939e), da higiene mental, para compreender, “salvar” e sanear a parte “doente” da sociedade, ou, em outras palavras, os que precisariam de hábitos saudáveis de ser, agir e pensar, responsabilizando o indivíduo e/ou seu grupo social aos problemas comportamentais.

A medicina se constituiu como a raiz epistemológica de toda as ciências humanas, conforme Moysés e Collares (2014), pois a medicina moderna encarregou-se de *normatizar* e

legislar o que é saúde e o que é doença, o que é saudável e o que não é, e isso envolveu critérios de segregação e silenciamento (de diversas formas) para os que afrontavam as normas sociais. Estar fora da norma significa um desvio (anormalidade), dessa maneira, segundo Canguilhem (2011, p. 25), o desvio ocorre ou pela falta ou por excesso: “Definir o anormal por meio do que é de mais ou de menos é reconhecer o caráter normativo do estado dito normal.” Essa mentalidade adentrou as pesquisas sociais e serviu como referência para as ciências humanas, sendo um saber considerado autorizado, legítimo e válido. Nisso podemos ver quanto os médicos, entre eles Arthur Ramos, tiveram um lugar privilegiado na educação, identificando, nomeando o normal e o anormal (dizendo o que o *outro* é), adentrando os currículos escolares com o olhar imperioso, o olhar que rege, que seleciona, que hierarquiza; normatiza, dociliza corpos e mentes.

Podemos ver acima uma ideologia conservadora, fascista, nacionalista permeada pelo ódio e ameaças. Essa subjetividade não surgiu do nada, tem uma história que perpassou pelos currículos escolares, pela educação formal, informal e não formal. Essa mentalidade opressora não é de hoje. No trecho “limpar esse pandemônio”, podemos ver ainda a presença do higienismo, e de como o grupo dominante quer impor o seu discurso no currículo educacional, no caso, ameaçando *a esquerda* na universidade, pois é nesse espaço acadêmico que estão sendo formados também professores que têm um papel social. Isso é impedir que se tenha novos olhares, que sejam reconhecidas as identidades, que se fale sobre a diversidade, sobre o plural, sobre transformação social, pois, para os opressores, só há uma história e um grupo. Por isso, fazer articulações entre passado e presente torna-se necessário para *desnaturalizar* e *descolonizar* determinadas práticas e discursos que estão internalizados nas ações de muitos, que partiram também da educação escolar, e isso implica o currículo escolar. Isso é um ato político. Pensar em currículo escolar e na história da educação é fundamental para tentar romper com o círculo vicioso de reprodução social, para alcançar uma educação emancipatória, sensível e humana.

Referências

BERNARDES JUNIOR, José. As idéas novas da instrução. **Revista de Ensino**, anno4, n. 20, p. 27-32, mar./abr. 1930. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/761559/per761559_1930_00020.pdf. Acesso em: 25 abr. 2017.

BOARINI, Maria Lúcia (Org.). **Raça, higiene social e nação forte**: mitos de uma época. Maringá: Eduem, 2011.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 7.ed. rev. Tradução de Maria Thereza R. C. Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CARDOSO, Lilian Bárbara Cavalcanti. **O higienismo e o currículo escolar na primeira metade do século XX**: um olhar sobre a escola primária em Alagoas, 1899-1950. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GONDRA, José Gonçalves. Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: História: guerra e paz., 23., 2005, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANPUH, 2005.

MANIFESTO do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. *In*: FÓRUM SOBRE A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://medicalizacao.org.br/manifesto-de-lancamento-do-forum-sobre-medicalizacao-da-educacao-e-da-sociedade/>. Acesso em: 25 jun. 2017.

MARTINS, Maria Silvinha Carraro. **A parceria família-escola**: uma proposta dos higienistas. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

MOYSÉS, Maria A. A.; COLLARES, Cecília A. L. Medicalização do comportamento e da aprendizagem: a nova face do obscurantismo. *In*: VIÉGAS, Lygia de Souza *et al.* (Org.). **Medicalização da educação e da sociedade**: ciência ou mito? Salvador: EdUFBA, 2014.

POPKEWITZ, Thomas. **Reforma educacional**: uma política sociológica: poder e conhecimento em educação. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

POPKEWITZ, Thomas. **Lutando em defesa da alma**: a política do ensino e a construção do professor. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2001.

POPKEWITZ, Thomas. História do currículo, regulação social e poder. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 173-210.

PROGRAMMAS de ensino. **Revista de ensino**, Maceió, anno4, n. 20, p. 48-83, mar./abr., 1930. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/761559/per761559_1930_00020.pdf. Acesso em: 25 abr. 2017.

RAMOS, Arthur. A família e a escola: conselho de higiene mental dos pais. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 32, n. 25, 2 jul. 1939a, p. 4.

RAMOS, Arthur. **A criança problema**: a higiene mental na escola primária. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939b.

RAMOS, Arthur. A vida da criança no lar. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 32, n. 43, p. 7, 23 jul. 1939c.

RAMOS, Arthur. O ambiente parental e a criança pré-escolar. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano XXII, n. 34, p. 4, 13 jul. 1939d.

RAMOS, Arthur. **Saúde do espírito**: higiene mental. Rio de Janeiro: Serviço de Nacional de Educação Sanitária, 1939e.

RAMOS, Arthur. A habitação e a higiene mental. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 32, n. 37, p. 7, 16 jul. 1939f.

RAMOS, Arthur. A vida da criança no lar. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 32, n. 43, p. 7, 23 jul. 1939g.

RAMOS, Arthur. O filho amado e o filho odiado. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 32, n. 55, p. 4, 6 ago. 1939h.

RAMOS, Arthur. Os irmãos e os conflitos familiares. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 32, n. 66, p. 4, 20 ago. 1939i.

SEIXAS, Paulo Castro. Higienismo: textos que fizeram cidade. *In*: PATIN, Isabel (Org.). Literatura e medicina. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE CIÊNCIA E CULTURAS, 1., 2005, Porto. **Anais** [...]. Porto: Fundação Fernando Pessoa, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Centro de Educação. **Decretoestaduais sobre educação1925-1930**. Maceió, [197-?].

Revisão gramatical realizada por: Maria Alves Albuquerque
E-mail: mariaalves.albuquerque@gmail.com.

RECEBIDO 13 DE MARÇO DE 2019.
APROVADO 20 DE AGOSTO DE 2020.